

<http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2015v27n44p6>

“EDUCAÇÃO NA PAULADA”: corpos docentes “feridos” na luta por uma educação de qualidade na “Pátria Educadora”

Sonhar
Mais um sonho impossível
Lutar
Quando é fácil ceder
Vencer
O inimigo invencível
Negar
Quando a regra é vender
Sofrer
A tortura implacável
Romper
A incabível prisão
Voar
Num limite improvável
Tocar
O inacessível chão
É minha lei, é minha questão
Virar esse mundo
Cravar esse chão
Não me importa saber
Se é terrível demais
Quantas guerras terei que vencer
Por um pouco de paz
E amanhã, se esse chão que eu beijei
For meu leito e perdão
Vou saber que valeu delirar
E morrer de paixão
E assim, seja lá como for
Vai ter fim a infinita aflição
E o mundo vai ver uma flor
Brotar do impossível chão¹

1 Música “Sonho Impossível” - Compositor J. Darion - M. Leigh - Versão Chico Buarque e Ruy Guerra/1972 para o musical *O Homem de La Mancha* de Ruy Guerra. (grifos nossos)

Ao longo da sua história, a Revista *Motrivivência* tem se debruçado sobre as questões sociais, políticas e econômicas, cujo foco se concentra nas problemáticas micro e macrosociais da realidade. Neste sentido, temos provocado o debate não só nos textos veiculados, como também nos nossos editoriais, sobre as políticas públicas e sociais. Assim, procuramos estar atentos às problemáticas que, direta e indiretamente, tem a ver, com o campo teórico-metodológico e epistemológico da Educação Física, Esporte e Lazer. Por esses motivos, a exemplo da moção de repúdio do CBCE², estamos denunciando e nos solidarizando com as lutas dos professores do Paraná e de todo Brasil, que lutam contra as, ainda em curso, políticas educacionais neoliberais centradas no “apartheid social” e, conseqüentemente, nas desigualdades sociais e escolares, e na desvalorização do trabalho docente³.

A epígrafe que abre este editorial tem como objetivo refletir sobre a luta dos professores feridos pela polícia sob as ordens do governo do estado do Paraná, no último dia 24/abril, que revela uma “Educação na Paulada”⁴, cujas ações violentas ocorreram na vigência da “Pátria Educadora”⁵. Além de tentar impedir o furto dos seus direitos previdenciários, eles reivindicavam respeito aos seus direitos e o cumprimento da Lei do Piso Nacional do Magistério, como grande parte dos docentes em greve

em outros estados e alguns municípios brasileiros nesse momento.

Neste sentido, a educação repressiva do aparelho do Estado impediu a realização do “sonho impossível”, não permitiu que os professores lutassem em prol da educação pública e de qualidade. Em termos simbólicos (e reais), os professores sempre apanharam muito ao longo da história das greves e foram feridos em suas manifestações por outras políticas educacionais, de caráter mais igualitário e emancipatório:

É de certo que professor nesse país sempre apanhou. Apanha pela falta de reconhecimento, apanha pelo salário indigno, apanha pela luta histórica por um sistema educacional que o tenha como umas das peças fundamentais da construção de uma educação de qualidade, apanha pela rotina de trabalho, apanha pela desmotivação dos alunos, apanha pelo sistema educacional defasado, com seus critérios retrógrados de avaliação, apanha pela obrigatoriedade de cumprir um programa pedagógico que não condiz com o que ele acredita, nem condiz com a realidade do aluno, servindo de ferramenta para a sua vida prática. Apanha conseqüentemente pelo simples fato de ter abraçado essa profissão.⁶

Os professores em greve sofreram “a tortura implacável”, tentando se contrapor à lógica neoliberal da políticas educacionais, procurando “negar, quando a regra é vender”. Nesse sentido, cumpre destacar, para uma reflexão sobre a preservação da “utopia

2 Ver em: <http://cbce.org.br/cbce/noticias-detalle.php?id=1069>

3 GENTILI, Pablo; ALENCAR, Chico. **Educar na esperança em tempos de desencanto: com um epílogo do subcomandante Marcos sobre as crianças zapatistas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

4 Revista Carta Capital, 18/05/2015 - Ano XXI - n. 849, p.26-28

5 O slogan da Pátria Educadora, adotado pelo governo federal neste segundo mandato da presidenta Dilma, tem se revelado até aqui não mais que um mero jargão. O seu documento básico preliminar, de autoria da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, tem sofrido severas críticas de educadores e de instituições da área, tanto pelo modo da sua produção quanto pelo que foi apresentado ao público para o debate.

6 Revista Carta Capital, 18 de maio de 2015 - Ano XXI - 849, pág.26-28

possível” de uma educação “para além do capital”, que:

[...] Quando se fere um professor. Quando se tortura um professor, não está se torturando apenas um corpo físico. Tortura-se o corpo simbólico. Tortura-se o conhecimento, tortura-se a já desacreditada educação. **A tortura não espanca apenas o ser, tortura a esperança na renovação de uma das mais dignas e significantes profissões para a formação de um povo.** Quando se bate em um professor, bate-se também no aluno, que já não será tão bem mais iluminado por essa chama, que depende da auto-estima do seu mestre. **Um Estado que espanca um professor provoca uma sangria em toda uma comunidade: sangra a escola, sangram os alunos, sangra o saber, sangra a esperança, destrói o simbólico,** nos desampara da crença em um país que não se modificará, porque ferida estará a alma dos seus mestres, iluminadores de tantas outras almas⁷.

A violência do governo tucano contra a dignidade dos professores paranaenses é inadmissível, conforme afirmou o Ministro da Educação Renato Janine: “Não se pode bater em quem educa nossos filhos”. Os corpos dos professores foram feridos e tiveram sua dignidade aviltada, exatamente quando se discutem os limites e possibilidades da “Pátria educadora”, cujas críticas apontam para a seguinte advertência: para se tornar uma “pátria educadora”, é preciso fazer com que o investimento crescente no ensino básico ganhe qualidade⁸. Com efeito, os

professores do Paraná e de outros estados brasileiros lutam não apenas pelas justas melhorias salariais como também por melhores condições de trabalho. Eles anunciam em suas vozes militantes que o Estado brasileiro precisa implementar, urgentemente, políticas de valorização dos profissionais da educação, garantindo o que está previsto no Plano Nacional de Educação, como: a profissionalização com formação inicial e continuada; a aplicação integral da lei do piso salarial profissional nacional (conforme o artigo 206 da Constituição Federal, aprovando e aplicando a lei de diretrizes da carreira para o conjunto da categoria); políticas educacionais que devem investir na construção de novas escolas e melhorar a infraestrutura existente, para garantir condições adequadas ao processo de ensino-aprendizagem; que há de se investir fortemente em políticas de gestão democrática, com conselhos escolares deliberativos, compostos por representantes de todos os seguimentos da comunidade escolar e local, escolhidos pelas entidades representativas de cada um; por fim, que é preciso aplicar políticas preventivas e curativas para cuidar da saúde dos profissionais. São medidas que vão garantir a permanência dos alunos matriculados e motivar a entrada nas escolas públicas de crianças e jovens de quatro a 17 anos de idade que estão fora da educação básica. Todas essas medidas devem ser conquistadas, necessitando ser implementadas

7 Texto: “Quando se fere um Professor”, de Ivan Santtana (mimeo, sem grifos no original). Natural de Monte Santo/BA, Santtana é formado em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia. Autor de seis livros, dentre poesia e contos, e detentor de diversos prêmios de poesia em concursos nacionais. É artista plástico (autodidata) e arte-educador.

8 Jornal “Valor”, Seção Eu & Fim de semana, 30/01/2015 - Ano 15, n. 722.

para tornar a Educação uma questão de Estado e um direito de todos os cidadãos.⁹

Queremos aproveitar este editorial para lembrar e convidar leitores e autores que *Motrivivência* está promovendo a chamada de artigos para uma Seção Temática, a ser publicada em uma das próximas edições da revista, abordando a questão da *Infância/Criança na Educação Física*. As submissões podem ser feitas até o dia 30 de junho, na plataforma da revista. Para orientar os pesquisadores, definimos assim a ementa da seção:

O campo de conhecimento e intervenção da Educação Física tem sido questionado sobre quais contribuições pode oferecer para a formação cultural da criança e como as práticas corporais podem se constituir em conteúdos/linguagens na Educação Infantil e anos iniciais do ensino Fundamental. [...]. Nosso propósito é ampliar o debate, convocando os pesquisadores e professores que estudam/intervêm na área para divulgarem suas reflexões e práticas pedagógicas. Nesse sentido, essa seção temática tem como objetivos: 1) proporcionar a reflexão sobre a problemática da educação do corpo e do cuidar na infância; 2) discutir propostas curriculares em torno de eixos teórico-práticos e metodológicos que abarquem as especificidades e as demandas das crianças pequenas das aulas de Educação Física; 3) pensar as práticas corporais como conteúdos/linguagens da Educação Física na Educação Infantil e no Ensino Fundamental; 4) apresentar relatos de experiências de produção da cultura lúdica infantil, devidamente fundamentadas, realizadas

em instituições escolares e/ou outros espaços educacionais.

Também queremos destacar que, a partir dessa edição, temos duas novidades em nossa equipe editorial. Uma delas é que o professor Rogério Santos Pereira passou a ser nosso coeditor. Rogério é professor do DEF/CDS/UFSC e o novo coordenador do LaboMidia/UFSC; ele já vinha colaborando com a revista e agora se integra definitivamente ao grupo de editoração. A outra novidade refere-se ao autor da foto de capa dessa edição. O professor Marcio Romeu Ribas de Oliveira, da UFRN e pesquisador-fundador do LaboMidia, inaugura nessa edição uma nova função na *Motrivivência*. Ele assumiu o que estamos chamando de “curadoria de capa”, sendo o editor responsável por definir a capa dos próximos números da revista, com suas produções ou de outros autores convidados por ele. Em nome da equipe editorial da *Motrivivência*, desejamos boas-vindas “a bordo” aos dois novos companheiros de aventura.

Aproveitamos para agradecer aos autores, que nos distinguem com sua confiança, aos colaboradores da equipe de apoio editorial que fazem a revista no seu cotidiano e aos nossos leitores, razão maior da existência da *Motrivivência*.

E para concluir, deixamos a todos mais uma frase do já referido Ivan Santana:

Professores são faróis, centelhas de um povo que vive na escuridão do atraso

9 Cf. entrevista com os educadores Heleno Araújo Filho, Luiz Cláudio Costa e Robert Evan Verhine, no texto “Avaliação da Educação Básica”, da Revista Retratos da Escola, da CNTE, v. 7, n. 12, 2013, Dossiê “Avaliação da Educação Básica”.

social e político de um Estado que fecha as portas da esperança de sua nação, que precisa com urgência atravessar esse túnel obscuro, o da falta de conhecimento. Quando um professor sangra, a vida sangra junto com ele.

Florianópolis, maio/2015.

Mauricio Roberto da Silva,
Giovani De Lorenzi Pires,
Rogério Santos Pereira (editores)